

# Sensual e sem dinheiro, em pleno mundo islâmico

A caminho do Brasil, editora da polêmica revista erótica libanesa 'Jasad' lamenta que sua publicação viva no vermelho

Cristina Tardáguia

Quando a primeira edição da revista erótica "Jasad" chegou às bancas de jornal do Líbano, em dezembro de 2008, a jornalista e escritora Joumana Haddad foi taxada de imoral, pecadora, depravada e dissoluta — para não citar os adjetivos mais corrotivos vendidos contra ela. A capa da revista não trazia nada de mais. Mostrava uma mulher que se enrolava num lençol vermelho-sangue semicurugado.

Joumana ficou com medo da onda conservadora que assolou Beirute, cidade onde mora desde pequena, mas não se intimidou. Havia atingido seu objetivo: sacudir o mundo árabe com uma revista que falaria abertamente do corpo e que não serviria de manuseio para o prazer de nenhum dos "vellaces" ao seu redor.

Tiragem de 5 mil exemplares.

Quando a segunda "Jasad" deixou a gráfica, três meses mais tarde, a situação piorou. — Em ovnis frases venenosas e ameaçadoras como "Rezamos para que alguém jogue ácido na sua cara" ou "Você merece morrer apedrejada" — contou Joumana ao GLOBO.

Hoje em dia, a quarentena de cabelos cacheados e nariz adunco — a primeira autora a confirmar presença na edição deste ano da Festa Literária de Pernambuco (Fliporto) — já está na nitava "Jasad" e, apesar de ter passado o chapéu por inúmeras empresas do Ocidente, continua editando sua revista



Joumana Haddad: presença confirmada na Fliporto, em novembro

sem patrocínio algum.

— A "Jasad" tem uma tiragem de 5 mil exemplares, possui 1.200 assinantes e custa 10 dólares anuais no Líbano, o único país árabe em que está autorizada a circular. Os leitores que moram fora desse perímetro recebem seus exemplares pelo correio. Em mesma os envio. Mas a "Jasad" está no vermelho — alertou a libanesa. — A situação já beira o insustentável.

Na revista de março, que custou US\$ 15 mil para ser confeccionada, o tema central foi o corpo das mulheres grávidas. Na capa, Joumana imprimiu uma barriga de muitos meses de gestação completamente desnuda (?). No interior, reuniu um dossiê de mais de dez artigos escritos em árabe sobre o prazer nas relações sexuais das grávidas e as dívidas dos homens em torno do assunto.

Nas duas edições anteriores, os temas foram igualmente picantes: a virgindade, ainda relacionada à decência da mulher árabe, e a poligamia, liberada pelo islamismo. Joumana comemora a repercussão:

— Já recebi muitos e-mails de mulheres árabes que me agradecem pelo conteúdo das revistas — contou, orgulhosa, a jornalista que também edita o caderno de cultura do "Au Nahar", o maior jornal de seu país.

Itirrida com a falta de apoio econômico a seu projeto erótico-informativo, que, segundo ela, não encontra semelhante em nenhuma parte do mundo, Joumana não economiza nas críticas. Chama a sociedade em que vive de covarde e hipócrita.

— Os árabes aplaudem os nus de Robert Mapplethorpe, de Man Ray e de Spencer Tunick. Admiram a sensualidade dos textos de Vladimir Nabokov e deliram com as cenas de "O último tango em Paris", de Bernardo Bertolucci, mas reparam crudelmente o árabe que escreve sobre erotismo — queixou-se. — É uma sociedade incapaz de viver aquilo que gostaria de viver, de dizer o que realmente quer.

Joumana é formada em Biologia e trocou o curso de Medicina — que seria sua segunda graduação em ciência — por um de Literatura e Tradução. Hoje está casada com seu segundo marido e é mãe de dois adolescentes (um de 19 anos e outro de 11). Além de trabalhar na "Jasad" e no jornal, administra o Arab Booker,

prêmio internacional de ficção árabe. No resto do tempo, dedica-se a um doutorado na Sorbonne à distância. Escolheu Literatura, é claro.

Apesar de nunca ter morado fora de seu país, Joumana fala inglês, francês, italiano, espanhol, alemão e armênio com fluência. Diz entender textos escritos em português.

Em março, lançou no Brasil o livro "Eu matei Sherazade — Confissões de uma árabe educada", pela editora Record, que angariou elogios do Nobel peruano Mario Vargas Llosa.

"Uma árabe insubmissa"

Joumana odeia Sherazade, a envolvente narradora persa de "As mil e uma noites" que, com o poder de suas histórias, mantém-se viva ante a fúria do rei Xerxes. No último capítulo de seu livro, Joumana estrangula com as próprias mãos (ou as palavras que escreve). Não se arrepende.

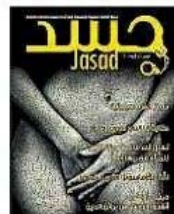
— A cidade ensinava as mulheres a fazer concessões aos maridos, a negociar seu acesso aos direitos mais básicos, como a vida — explicou. — Há em mim uma árabe insubmissa, cuja moral não passa pela negociação. Tenho minha liberdade e, justamente por isso, matei Sherazade.

Joumana estará em Olinda, para a Fliporto, entre 11 e 15 de novembro. Segundo o curador da mostra, Mário Hélio Gomes, ela falará das relações Oriente-Ocidente e Oriente-Occidente.

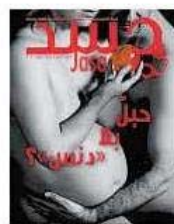
— Ela deve detonar os estereótipos que pairam sobre o mundo árabe — disse ele. — Potencial para isso não lhe falta. ■



PRIMEIRA CAPA: a polêmica



SEGUNDA CAPA: as ameaças



'JASAD' DE MARÇO: bebê e sexo